



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

**A RUPTURA REVOLUCIONÁRIA DE 1789
E A PRIMEIRA GERAÇÃO DO
ROMANTISMO: O CASO DE F.-R. DE
CHATEAUBRIAND**

Beatriz Cerisara Gil (UFRGS)

A obra de F.-R. de Chateaubriand trata em grande medida das várias formas de rupturas experimentadas pela sociedade francesa após a Revolução de 1789. O tema da revolução ganha configuração especial em suas *Mémoires d'outre-tombe* (*Memórias de além-túmulo*) dentro do objetivo de uma narrativa de história pessoal relacionando-a com a história do país. Nas *Memórias* o cruzamento dessas duas perspectivas traduz as implicações da posição muito particular do escritor: um nobre francês que sobrevive ao processo revolucionário e torna-se testemunha e historiador de si e dos eventos revolucionários na França. Análise, portanto, a função do sujeito autobiográfico na construção de uma linguagem literária que deve expressar a tensão entre a ordem do Antigo Regime e as novas forças democráticas que ganham a França após 1789. Este quadro apresenta os elementos de base da poética de um escritor da primeira geração romântica que propõe uma linguagem dentro da perspectiva de reconfiguração de valores estéticos e políticos da primeira metade do século XIX.

Palavras-chave: Revolução. História. Narrativa autobiográfica.

F.-R. de Chateaubriand, escritor francês de origem nobre, saído da província bretã, viveu entre

1768 e 1848. Conhecido pelos romances *René* e *Atala*, o autor dedicou parte considerável de sua obra às rupturas experimentadas pela sociedade francesa após a Revolução de 1789 em diferentes níveis. Mas, se a Revolução Francesa e suas repercussões estão presentes em seus romances e ensaios de modo geral, é notável o quanto o processo revolucionário é representado de forma singular em suas memórias, intituladas *Mémoires d'outre-tombe* (*Memórias de além-túmulo*).

Redigido ao longo de quase quarenta anos, as *Memórias de além-túmulo* pretendem dar conta da posição histórica privilegiada do escritor de uma existência cindida pela Revolução de 1789 (em 1789 Chateaubriand tem 20 anos), situação que o permitiu conhecer tão bem a sociedade francesa do Antigo Regime quanto a França dos valores pós-revolucionários que vão se estabelecendo na primeira metade do século XIX. Neste trabalho memorialístico de representação dessas duas França, uma tradicional, rigidamente hierarquizada e aristocrática, e outra profundamente conturbada, sendo palco de Regimes políticos diferentes e orientando-se gradualmente pelos valores democráticos da sociedade burguesa, Chateaubriand lança mão de duas instâncias distintas na construção de sua narrativa: a dimensão de sua história pessoal articulada com a da história de seu país.

Nas *Memórias* do autor esse cruzamento de perspectivas vai criar uma realidade artística complexa que reproduz de forma sofisticada as implicações e as contradições advindas desta posição particular do escritor. Serão exploradas várias nuances da trajetória individual deste

Chateaubriand aristocrata que, sobrevivendo ao cadafalso do processo revolucionário, torna-se historiador de si e dos eventos revolucionários na França, dando conta de um longo período de transformação política e social do país até início dos anos 1830 aproximadamente.

Sobre o entrecruzamento e/ou a concomitância da dupla dimensão do pessoal e do social na literatura de Chateaubriand é interessante destacar aspectos que são definidores de um tipo de prosa que vem à luz após a Revolução e que ambiciona traçar o quadro social amplo do qual emerge o sujeito moderno, cujo perfil já havia sido esboçado aliás pelo próprio Chateaubriand em seu livro o *Gênio do Cristianismo* em 1800. Esta prosa de característica totalizante, diga-se, compreende o exame dos mecanismos e as interfaces que estabelecem as relações do individual com o social.

Tendo por norte uma visão histórica abrangente sobre a narrativa do individual, chama atenção um aspecto geral da composição da obra memorialística de Chateaubriand. Em *Memórias de além-túmulo*, como já nos informa o título, em se tratando de um texto de teor memorialístico, que se define em grande medida pela presença importante de uma narrativa da realidade histórica, nota-se que o autor investiu no uso de registros variados para expressar toda a complexidade do processo revolucionário nos seus desdobramentos político, social, cultural, religioso e linguístico, mantendo essencialmente o fio do enunciado de um *eu* autobiográfico. Não é meu objetivo analisar o aspecto híbrido que distingue notavelmente este texto, que, a propósito, aparece para o leitor como

um espantoso mosaico de formas que *explicam*, ilustram e discutem a realidade histórica. Mas assinalemos de qualquer modo esta importante característica do texto que é a mescla de formas literárias, ou subgêneros, que aparentemente estão bem pouco hierarquizados dentro da estrutura da obra e que apontam, ao contrário, para uma espécie de desordem narrativa, colocando em questão o traçado artístico típico do classicismo aristocrático que, sabemos, dá a conformação primeira da retórica de Chateaubriand. Assim, nos parece claro que o radicalismo formal do projeto sugere a enorme dificuldade – ou mesmo a impossibilidade – de fazer uma voz autobiográfica dar conta da heterogeneidade de peças, díspares, que coexistem na narrativa, e isto indica o quanto esta composição propõe desafios no exame das relações entre as instâncias da história e do *eu* autobiográfico.¹

Passando para a finalidade principal que é a nossa de entendermos como a temática da Revolução repercute na perspectiva narrativa das *Memórias*, proponho uma breve abordagem de aspectos da posição do narrador-protagonista que remete necessariamente aos efeitos de quebra da ordem tradicional do Antigo Regime, da qual o protagonista se origina, apontando para a criação de um foco narrativo amplificado que abrange as contradições de identidade nas circunstâncias sociais e políticas especificamente estabelecidas após 1789.

¹ Dentre os estudos que examinam os diferentes subgêneros presentes na obra, temos por exemplo o de F. Bercegol sobre o *portrait* (retrato) de figuras históricas nas *Memórias*, entre muitos outros. A. Vial, por outro lado, para dar conta das diferentes dimensões temporais da narrativa, um dos recursos mais notáveis do texto, em seu estudo *Chateaubriand et le temps perdu* distingue as articulações essenciais do tempo do evento ao tempo da escrita.

Como já foi dito aqui, Chateaubriand encontra-se entre dois mundos, entre a nostalgia do sistema de suas origens aristocráticas - e uma certa memória idílica - e o futuro incerto mas radicalmente novo que se anuncia. Na narrativa de caráter essencialmente autobiográfico dos livros iniciais das *Memórias*, são apresentadas a infância e a juventude do protagonista. Reconstituo as lembranças de vida da França profunda, na região da Bretanha, temos os laços de família, de amizade, os traços dos costumes locais, os aspectos físicos e geográficos (notadamente a costa marítima com a rudeza que a caracteriza, seus rochedos - o ambiente hostil mas atraente da costa bretã) que enquadram por exemplo a narrativa e que definem algo também do que seria da natureza psicológica do jovem Chateaubriand.

O que chama a atenção nisso que nos aparece como uma construção autobiográfica é que o conjunto de elementos destacados pelo narrador-protagonista vai revelar uma personalidade maleável de um indivíduo solitário e autônomo com grande sede de independência. Esboça-se aqui uma reconstrução de *origem* colocando em cena uma espécie de personagem *receptáculo* que se mostra bem preparado, adaptável ao jogo de negociação e de enfrentamento diante das vicissitudes políticas absolutamente inéditas que se apresentarão e cujo desdobramento dificilmente pode ser previsto. Nesta representação do protagonista, diga-se, as imagens naturais do ambiente externo espelham as adversidades e oposições do jovem (homem dos sonhos mas homem das realidades; aventureiro e

organizado; apaixonado e metódico; andrógino que mistura pai e mãe, etc.)

É um sujeito dividido, portanto, que se prepara para entrar em cena: sujeito representado em sua fragilidade nas cenas da vida infantil ou na puberdade e que possui por isso mesmo atributos ou instrumentos para acompanhar as incertezas da história que se anuncia e da força das coisas. Enfim, sendo a vulnerabilidade e a capacidade de mudança partes constitutivas do perfil do narrador-protagonista, este se põe naturalmente à mercê dos tempos, conforme vemos no enunciado a seguir.

Enquanto minha mãe suspirava, minhas irmãs falavam a perder o fôlego, eu atentava com meus olhos, ouvia com meus ouvidos, maravilhava-me a cada giro da roda: primeiro passo de um judeu errante que não poderia mais se deter. Se o homem mudasse apenas de lugar! mas seus dias e coração também mudam. (CHATEAUBRIAND, 2003-4, p.156)²

A propósito, pode-se seguir muito facilmente na narrativa a ideia constante de mudança, de transformação, na qual o narrador sintetiza toda a sua experiência, dupla e simultânea, do mundo e de si mesmo.

A característica da dualidade e da plasticidade ao estar esboçada desde o princípio da narrativa, desde a origem da construção do personagem, forma uma estratégia significativa de construção de um personagem que deve estar *disponível* em suas disposições psicológicas para o ritmo do tempo histórico novo.

Mas há ainda outro ponto a ser observado acerca das consequências formais da representação

² Todas as citações das *Mémoires d'outre-tombe* apresentadas neste artigo são traduzidas por mim.

do Chateaubriand aristocrata no curto-circuito da Revolução. Note-se que contrariando as ambições naturais de classe de um protagonismo político de Estado, Chateaubriand terá sua condição profundamente alterada, já que com a revogação gradual dos privilégios da nobreza, o autor do *Gênio do Cristianismo*, ao perder seus títulos, passa a ser um mero senhor, cidadão coadjuvante na nova paisagem política. É assim que a partir da Revolução, em não mais sendo um protagonista da História, ele passa a ser um espectador dos eventos e é na qualidade de mero espectador que o narrador-personagem conta o que vê pelas ruas, o que testemunha na inauguração da Assembleia Constituinte, etc. Como um *voyeur*, distanciado e suspeito, presencia a tomada da Bastilha, as confusões nas ruas, os atropelos dos passantes misturados aos heróis da revolução, a ascensão dos *sans-culottes*, os oradores em praça pública, os homens de letras, os pintores e atrizes agora reinando em espaços abertos. Descreve a exuberância dos ambientes que colocam lado a lado as mortes, as orgias e o respeito ao medo. Identifica um caminho francamente desobstruído ao povo liberto das leis e das pressões sociais.

Não é possível trazer aqui as passagens brilhantes e vivas que descrevem a Paris de 1789 e as impressões do escritor no calor desta hora; ficaremos apenas com o comentário do narrador que se refere à novidade que define um estado de revolução social.

Os momentos de crise produzem uma intensificação de vida nos homens. Numa sociedade que se dilui e se recompõe, a luta entre

dois gênios, o choque do passado com o futuro, a mistura de costumes antigos e de costumes novos formam uma combinação transitória que não deixa um só instante de tédio. As paixões e os temperamentos em liberdade mostram-se com uma energia de que não dispõem na cidade bem regrada. A infração das leis, a abolição dos deveres, dos usos e das conveniências, e até mesmo os perigos aumentam o interesse por toda essa desordem. O gênero humano em férias passeia pelas ruas, liberado de seus pedagogos, entregue por um momento ao estado de natureza, apenas começando a sentir outra vez a necessidade do freio social, quando sofre o jugo de novos tiranos alimentados pela licenciosidade. (CHATEAUBRIAND, 2003-4, p. 302).

Do quadro da cena viva passamos a esta dimensão da narrativa que é a da reflexão, do comentário. A cena das criaturas humanas em pleno desregramento concedido pela revolução recebe as luzes do narrador comentador e um discurso de legibilidade das cenas inéditas vai assim sendo elaborado. Por meio de um retrato ou de uma interpretação da mutação histórica dando conta das facetas sociais e políticas de seus atores, estas memórias vão assim compondo um espaço de análise e leitura ao mesmo tempo em que de relato da realidade histórica.

É verdade que nas *Memórias* o narrador, agora espectador da convulsão social, torna-se também seu historiador, mas aqui Chateaubriand não é mais o historiador do *Ensaio sobre as revoluções* no qual refaz o fio da história das revoluções situando a Revolução Francesa neste curso. Neste caso o historiador, memorialista, transmuda-se em narrador-testemunha, ou seja, se instala e representa-se em meio ao espetáculo da profunda transformação: ele e a Revolução fazem a matéria histórica a ser literariamente expressa. Mas a

revolução é uma longa história no presente, ela é o presente propriamente dito e, nesta medida, ao narrador-protagonista não é possível perceber completamente sua extensão ou seu desfecho.

Assim, 1789 e seus desdobramentos sendo o nó mesmo da narrativa e a matéria de existência do narrador-protagonista, como poderia este se situar *narrativamente* em relação aos eventos?

Podemos reconhecer que o que diz respeito à perspectiva do observador, recuado, distante, mas sempre concentrado na cena do drama, o caminho é duplo. E nesta posição é possível distinguir não somente uma distância do narrador em relação à realidade, atitude aliás coerente que preserva uma certa unidade do sujeito que narra, como pode-se perceber também um dado jogo composicional propício a trocas e à reciprocidade, sendo o observador aí neste arranjo parte do processo de reconhecimento e de exploração da cena revolucionária. Observa-se, portanto, que a tarefa do narrador não consiste em retratar a Revolução a partir de um mesmo ponto de vista mas de recompô-la em níveis diversos em um enquadramento complexo - e isso serve tanto para os eventos específicos da revolução narrados como para a repercussão desta revolução conformando o conjunto da narrativa das *Memórias*.

Deste modo, para atualizar perspectivas distintas na representação da Revolução em seu cotidiano, por exemplo, sem perder de vista o quadro geral, Chateaubriand explora amplamente os recursos autobiográficos no cruzamento com a dimensão histórica. Neste sentido, o título, se referindo a um autor-narrador-defunto, nos propõe

uma resposta. As variações de perspectiva e a superposição das dimensões da narrativa poderão enfim ser superadas pela posição póstuma do autor-narrador. Mas nas *Memórias* não se trata exclusivamente da morte ou a metamorfose histórica do sujeito - coisas que podem aqui ser sinônimos - o narrador encara também a morte e a possível ressurreição do corpo social. Assim, para Chateaubriand, o processo de morte e de renascimento das sociedades assemelha-se ao destino individual dos homens:

Quando tiver expirado, ela se decomporá para depois reproduzir-se sob novas formas, mas é preciso que primeiramente sucumba; a primeira necessidade para os povos, como para os homens, é morrer. (CHATEAUBRIAND, 2003-4, p.824).

É certo que esta ideia esclarece uma visão sobre a Revolução mas igualmente uma postura artística do escritor: é a partir desta posição que Chateaubriand vai conceber o antagonismo social externo como um fenômeno de ressonância interna. E aí a problemática identitária essencial vai residir na escolha entre o princípio de identidade de origem social, a linhagem de nobreza, e o da vontade individual, de uma racionalidade política moderna.

O que fazer para permanecer fiel à complexidade da história? Agarrar-se a um monarca destituído e depois restaurado (questão que se põe a partir de 1815 sobretudo) ou aderir ao novo jogo político criado pela Revolução? Restituir as formas políticas e sociais antigas ou acomodar-se aos novos rumos da vida democrática e republicana?

O autor-narrador dessas memórias, que nem sempre concorda consigo mesmo, que duvida, e que

levou anos a fazer e a refazer a monumental imagem de si que são estas suas memórias, constrói neste percurso um *eu* fortemente historicizado, trabalhando com várias oposições - mediação entre sonho e realidade, passado e presente, intervenção e renúncia, lembrança e desaparecimento, vida e morte. Pela consciência reflexiva que descreve, analisa, interpreta e generaliza, ele integra poeticamente os elementos nesta prosa memorialística que será referência literária para várias gerações de romancistas franceses.

Podemos finalizar esta breve análise com uma citação que abre a narrativa a um dos exercícios de reflexão na qual a solidão se apresenta como condição estratégica e a melancolia romântica se manifesta como estado de espírito.

Bendita seja, minha cara independência, alma de vinha vida![...] O círculo de meus dias que se fecha me reconduz ao ponto de partida [...]. Quem sabe se não reencontrarei de etapa em etapa os devaneios de minha juventude? Invocarei muitos sonhos em meu socorro para defender-me contra esta horda de verdades que se engendram em velhos dias, como dragões que se escondem nas ruínas. Cabe a mim apenas aproximar os extremos de minha existência, confundir as épocas distantes, misturar ilusões de idades diversas. (CHATEAUBRIAND, 2003-4, p. 155)

Nesta poética de agregação de elementos de uma identidade dispersa a transformação é ao mesmo tempo a necessidade e a infelicidade de todo homem. Instância em movimento, o indivíduo tanto quanto a história podem ser bem definidos pela descontinuidade: “O homem não possui uma única e idêntica vida; ele tem várias postas lado a lado, e esta é sua miséria.” (CHATEAUBRIAND, 2005, p.

220) Enfim, este enunciado do memorialista que aponta as *quebras* no sujeito historicizado pode bem ser lido como uma fórmula para entendermos o ponto de vista estético de Chateaubriand o qual se atribui a tarefa de desvendar os impactos da Revolução Francesa na sociedade francesa, colocando em destaque a relação inédita entre aceleração histórica das sociedades modernas e metamorfose social - com seu corolário, desestruturação e recomposição, que se reproduz também no plano simbólico pela poesia da prosa memorialística da primeira metade do século XIX.

Referências

BERCEGOL, Fabienne. *La poétique de Chateaubriand : le portrait dans les 'Mémoires d'outre-tombe'*. Paris : Honoré Champion Éditeur, 1997.

CERISARA GIL, Beatriz. « Pedços de história para uma identidade memorialística do século XIX : F.-R de Chateaubriand ». In : *Antares, Letras e humanidades*, Dossiê Identidades II, v.4, n.10, 2013.

CHATEAUBRIAND, F.-R. de. *Mémoires d'outre-tombe*. Éd. établie par Jean-Claude Berchet. 2 t. Paris : LGF, 2003-2004.

VIAL, André. *Chateaubriand et le temps perdu, devenir et conscience individuelle dans les 'Mémoires d'outre-tombe'*. Paris : Union Générale d'Éditions, 1963.